

## NIKLAS LUHMANN: A SOCIEDADE COMO SISTEMA

## NIKLAS LUHMANN: SOCIETY AS A SYSTEM

RODRIGUES, Léo Peixoto; NEVES, Fabrício Monteiro. **Niklas Luhmann: A sociedade como sistema.** Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012.

Everton Garcia da Costa<sup>1</sup>

NiklasLuhmann: A sociedade como sistema é uma obra escrita por Léo Peixoto Rodrigues (UFPEL) e Fabrício Monteiro Neves (UnB), publicada no ano de 2012, sob a chancela da Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). O lançamento da obra em território brasileiro se mostra relevante, dentre outros motivos, devido principalmente ao número escasso de trabalhos acadêmicos produzidos sobre o pensamento luhmanniano no Brasil. Além disso, praticamente não há textos de Luhmann traduzidos para língua portuguesa. Com efeito, A sociedade como sistema apresenta-se como uma obra fundamental a todos aqueles – sociólogos, cientistas sociais de modo geral, e demais pesquisadores do vasto campo das ciências humanas – que buscam aprofundar-se no pensamento sistêmico desenvolvido por NiklasLuhmann. Os autores conseguem sintetizar – sem perda das questões teóricas – alguns dos conceitos-chave que compõem o pensamento luhmanniano, como sistema, entorno, autopoiesis, autorreferência, sentido, complexidade, comunicação, observação de primeira ordem, observação de segunda ordem, dentre inúmeros outros. Além disso, ao final do livro, Rodrigues e Neves desenvolvem uma reflexão epistemológica, confrontando o pensamento de Luhmann com algumas abordagens clássicas da tradição teórica, dentre elas o método compreensivo de Weber, as ideias de alienação e emancipação em Marx, o método positivo-funcionalista de Durkheim, e as estruturas ausentes do Estruturalismo. Tal como aponta Clarissa Neves, no prefácio à obra, os autores de A sociedade como sistema ousaram uma “aventura intelectual” pela vasta e complexa obra do sociólogo alemão.

O próprio Luhmann (1998) afirma que toda análise sistêmica deve partir da diferenciação entre sistema e entorno. Dessa maneira, Rodrigues e Neves iniciam o livro retomando aspectos históricos relativos à noção de sistema, desde a 2ª Lei da Termodinâmica, passando pela ideia de sistemas abertos proposta Ludwig Von Bertalanffy, até chegar à noção de autopoiesis, desenvolvida na década de 1960 pelos neurobiólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela e apropriada por Luhmann. A noção de autopoiesis refere-se a um sistema orgânico que “opera partir de e através de suas próprias estruturas; [...] não opera fora de sua dimensão estrutural; e possui um fechamento operativo em torno de seus elementos” (RODRIGUES; NEVES, 2012, p. 24). Na visão de Maturana e Varela, os organismos vivos devem ser concebidos como sistemas autopoieticos.

<sup>1</sup> - Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Se partirmos do pressuposto de que um sistema autopoietico é um sistema operativamente fechado que se diferencia do mundo e que se mantém como uma unidade processual baseando-se nos seus próprios elementos internos, podemos admitir que, além dos organismos vivos, existem outros sistemas autopoieticos no mundo. Segundo apontam Rodrigues e Neves (2012, p. 26), o pensamento luhmanniano concebe três tipos de sistemas autopoieticos: a) os sistemas vivos (as células, o cérebro, os organismos etc.); b) os sistemas psíquicos (aquilo que, de certa forma, tem sido chamado tradicionalmente de sujeito, indivíduo); e os sistemas sociais (as sociedades, as organizações, as interações). O grande objeto de estudo de Luhmann são justamente estes últimos, ou seja, os sistemas sociais; o sociólogo alemão propõe uma verdadeira e completa Teoria dos Sistemas Sociais.

Na sociologia, a ideia de “sistema social” tornou-se internacionalmente conhecida em virtude, principalmente, das contribuições teóricas do sociólogo estadunidense Talcott Parsons. Rodrigues e Neves (2012, p. 74) argumentam que Parsons, “formulador da proposta estrutural-funcionalista”, buscou sintetizar a dicotomia ação/estrutura. Apesar de a teoria dos sistemas sociais desenvolvida por Parsons ter acrescentado contribuições teóricas significativas para as Ciências Sociais, a noção de sistema proposta pelo autor “não consegue dar conta de diversas questões, tais como a complexidade, a identidade ou a unidade.” (RODRIGUES; NEVES, 2012, p. 74). Luhmann identifica tais obstáculos teóricos e epistemológicos, os quais o modelo parsoniano não conseguiu superar, e propõe-se a desenvolver uma nova definição de sistema social.

Diferente da tradição teórica, Luhmann concebe os sistemas sociais não como abertos, mas como fechados, mais especificamente como processos comunicativos operativamente fechados. “É por meio da comunicação que os sistemas sociais se diferenciam do entorno, que se complexificam, criam estruturas próprias, constroem autorreferência e heterorreferência” (RODRIGUES; NEVES, 2012, p. 80). Desse pressuposto, decorre a seguinte dedução lógica: se os sistemas sociais são operativamente fechados, logo, os seres humanos não estão inseridos no interior desses sistemas. Na perspectiva luhmanniana, os sistemas psíquicos devem ser considerados como entorno dos sistemas sociais. Isso ocorre pois, os sistemas psíquicos operam por meio do pensamento, ao passo que os sistemas sociais atuam através da comunicação. A comunicação (base pela qual operam os sistemas sociais) deve ser pensada “como um processo de atualização constante que envolve número de pessoas, sem poder ser resumida à consciência de uma única” (RODRIGUES; NEVES, 2012, p. 81) [grifo no original].

Conforme apontam Rodrigues e Neves, os sistemas sociais, como todo sistema autopoietico, são obrigados a conviver com as incessantes perturbações do meio. Neste sentido, os sistemas sociais incorporam tais irritações às suas cadeias autopoieticas e acabam reduzindo a complexidade. A redução da complexidade, portanto, no que diz respeito aos sistemas sociais, deve ser entendida como um processo de seleção no qual o sistema seleciona o que será ou não incorporado aos seus processos internos. Por mais complexo que seja um sistema, a complexidade do meio sempre será maior. Isso porque os sistemas sociais operam no interior de seus

limites, ao passo que a complexidade do mundo transcende toda tentativa de delimitação. Os sistemas sociais, portanto, durante todo o seu processo de funcionamento, estarão sempre reduzindo a complexidade do entorno.

A redução de complexidade passa inevitavelmente por dois processos específicos: a observação e a seleção. Os sistemas sociais e os sistemas psíquicos possuem a habilidade de observar o mundo – objetos, acontecimentos – (observação de primeira ordem), bem como a competência de observar a forma como outros sistemas observam o mundo (observação de segunda ordem). A “observação depende da posição” do observador, de modo que não há “nem observador absoluto nem fenômeno imune aos efeitos da observação” (RODRIGUES; NEVES, 2012, p. 39). É através da observação que os sistemas sociais selecionam e incorporam determinadas possibilidades de ação dentre as infinitas probabilidades que constituem o mundo.

Enfim, sem maiores aprofundamentos teóricos, ressaltamos novamente que Niklas Luhmann: A sociedade como sistema apresenta-se como um livro paradigmático, sobretudo àqueles leitores que dão seus primeiros passos na complexa obra do sociólogo alemão. A Teoria dos Sistemas Sociais, desenvolvida por Luhmann, é uma importante ferramenta teórica, a qual possibilita que sociólogos, cientistas sociais e pesquisadores em geral possam pensar diferentes dimensões da esfera social desde um viés sistêmico.